

A triste “sorte” dos trópicos: Claude Lévi-Strauss em meio às tramas políticas entre França e Brasil.

THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI*

"O senhor pensava no Brasil?"

De jeito nenhum. Sorte. Eu poderia ter ido para outro país. Não conheço grande coisa do mundo..."

Lévi-Strauss, 2004

A citação acima foi retirada de uma entrevista feita com Claude Lévi-Strauss, divulgada no jornal *O Estado de S. Paulo*, 27 de novembro de 2004, em decorrência da exposição de suas fotografias sobre São Paulo no Centro Universitário Maria Antonia, para comemorar os setenta anos da Universidade de São Paulo. O antropólogo foi questionado sobre a sua permanência no Brasil, nos anos de 1935 a 1938, sobre seus contatos com os intelectuais paulistas, como Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Paulo Duarte, e sobre as suas expedições ao Brasil central. Dentre as várias perguntas, me detenho àquela citada anteriormente, pois ao contrário das expectativas construídas pela historiografia, que mostram a viagem ao Brasil como um evento inevitável na carreira do etnólogo, a sua resposta aponta para outro caminho; um caminho de incertezas de um jovem no começo da sua profissão, e também um desprendimento quanto ao lugar que poderia ter incitado a pesquisa etnológica.

A proposta para Lévi-Strauss ministrar um curso de Sociologia no Brasil foi anunciada pelo telefonema de Célestin Bouglé, seu orientador, numa manhã de domingo de 1934, como relatado no livro *Tristes Trópicos* (LÉVI-STRAUSS, 1996: 45). A partir desta ligação e da curiosidade do jovem profissional interessado nos estudos de antropologia que poderiam ser desenvolvidos juntos aos índios presumidamente sediados nos arredores de São Paulo que, aos olhos do leitor mais desatento, aparece a trama principal que teria impulsionado a viagem aos trópicos. No entanto, cabe a nós, historiadores, desvendar os detalhes que tecem esta história, a fim de não tratar a vinda de Lévi-Strauss ao Brasil como um fato extraordinário da sua carreira acadêmica. Relações políticas, profissionais e pessoais atravessavam a vida do antropólogo e o dispuseram a viajar para o "Novo Mundo". Lévi-Strauss poderia não estar

* Graduada em Ciências Sociais na Unicamp, e mestranda em História pela mesma instituição.

pensando no Brasil na década de 1930, mas diversas iniciativas que se travavam no campo político francês e brasileiro favoreceram sua estadia no país.

Traçar um esboço dessas tramas políticas que desencadearam a chegada de Lévi-Strauss, em 1935, será o objetivo deste artigo. Apresentarei no decorrer do texto as relações políticas entre França e Brasil, como a formação de instituições francesas que tinham por objetivo desenvolver vínculos científicos com os países latino-americanos, em especial o Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique latine, que tinha como membro Georges Dumas, principal correspondente francês no Brasil; e a relação entre os membros do Groupement com Júlio de Mesquita, diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, e a vinda de professores franceses para integrarem o quadro de humanidades da recém-criada Universidade de São Paulo.

Cabe resaltar que o tema do presente artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado¹ que se centra na análise de textos de Mário de Andrade e C. Lévi-Strauss, particularmente nos que se referem à cidade de São Paulo na década de 1930. A proposta de acompanhar os *olhares* de cada autor para a capital paulista busca problematizar como as interferências políticas, as relações intelectuais e as suas trajetórias pessoais interferiram na construção imagética da cidade. Assim, percorrer nesse artigo as relações políticas entre Brasil e França que possibilitaram a vinda de Lévi-Strauss é de extrema importância para situar historicamente sua vivência em São Paulo, bem como seus textos deste período.

O desenvolvimento científico na América Latina e o Groupement

C. Lévi-Strauss, tanto nos seus livros, *Tristes Trópicos* e *Saudades de S. Paulo*, quanto em entrevistas, revela nomes e acontecimentos, os quais possibilitam formar um quebra-cabeça das relações que se travavam entre o Groupement e a USP, entre G. Dumas e Júlio de Mesquita, e entre os professores brasileiros e os franceses, que vieram lecionar na Faculdade

¹ A pesquisa de mestrado em andamento tem como título "A Triste Paulicéia - A imagem de São Paulo na década de 1930, no diálogo entre Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss", orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Stella Martins Bresciani

de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP). O trecho abaixo, retirado da entrevista com Didier Eribon, apresenta as impressões de Lévi-Strauss sobre a proximidade entre Brasil e França:

"A influência da França era muito forte no Brasil, desde o comtismo. Para os brasileiros cultos, era uma segunda língua. Georges Dumas estivera várias vezes lá e tinha ligações com a aristocracia local, sobretudo em São Paulo. Quando os brasileiros quiseram criar uma universidade naquela cidade, naturalmente dirigiram-se a ele para que constituísse uma missão francesa" (LÉVI-STRAUSS e ERIBON, 1990: 29)

O depoimento de Lévi-Strauss aponta vínculos que impulsionaram a associação entre ambos os países, tais como a difusão da filosofia de Comte, a língua francesa, e as ligações de Georges Dumas com a elite paulista. Essa aproximação francesa se constituía através das relações científicas, uma vez que a percepção de Eribon com base nas palavras de Lévi-Strauss sugere três campos entrelaçados com a ciência: a filosofia, a língua e a universidade. O depoimento expõe uma ação política francesa, que se manifestava desde o começo do século XX, com a clara intenção de criar alianças políticas, científicas e culturais com os países latino-americanos, e, ao mesmo tempo, frear o desenvolvimento das ações anglo-saxãs neste continente.

Antes de adentrar nas organizações francesas que tinham como objetivo impulsionar o avanço das ciências na América Latina, apresento um pequeno panorama da situação da França deste período. Segundo Gabriel Hanoutaux, presidente do Comité France-Amérique, instituição que apoiava financeiramente as atividades do Groupement, três questões perturbavam a sociedade francesa: a derrota contra a Prússia na guerra de 1870, que fez com que a França decaísse entre as potências europeias; o novo colonialismo, que a obrigava a reconstruir seus laços de amizade com a América; e a imigração de países europeus para o "Novo Mundo", os quais levavam consigo a língua e os costumes da antiga pátria (MARTINIÈRE, 1982:58). A tabela apresentada por G. Martinière elucida a diferença numérica entre a quantidade de franceses que vieram ao Brasil e a de imigrantes italianos, portugueses ou espanhóis. Entre 1820 e 1907, a população brasileira contava com 1 213 167 italianos, seguidos por 634 585 portugueses, em quarto lugar estavam os alemães com 93 075,

e só em sétimo lugar é que apareciam os franceses com 19 269 imigrantes, atrás dos austríacos e russos (MARTINIÈRE, 1982: 46).

O distanciamento crescente das nações da América Latina com a língua e a cultura francesa também transparece na carta escrita em 30 de novembro de 1907, para a abertura do Groupement à comunidade científica:

"Notre attention a été appelée sur l'utilisé qu'il y aurait à créer des rapports permanents et directs entre les milieux intellectuels français, et les milieux intellectuels des différents pays d'Amérique latine. Il est, en effet, frappant de constater que, en dépit de la sympathie traditionnelles et persistante de ces pays pour la civilisation française, notre langue et notre culture y perdent chaque jour de leur prépondérance (...). Le rayonnement de notre civilisation est un des éléments les plus précieux de l'influence française dans le monde. Il emporte de propager notre culture et de la défendre contre ses rivales. (PETITJEAN, 1989: 430).

Este documento expressa a preocupação da intelectualidade francesa, de um lado, pelo afastamento cultural dos países da América Latina, e de outro, pelo prestígio das nações rivais. O medo do avanço das ideias germânicas desde a derrota para a Prússia em 1870, se intensificou, no período entre guerras, com ascensão do nazismo. Este cenário impulsionou uma mobilização da nação francesa para propor uma expansão cultural por meio do desenvolvimento científico.²

Após a 1ª Guerra Mundial, a ciência se tornou para os países europeus um saber de dominação e hegemonia. Os países que mais difundiam o saber científico, criando órgãos de pesquisa, intercâmbio entre universidades e parcerias estatais, aumentavam as suas redes de aliança e de poder (PETITJEAN, 1996: 31). Os Estados passam a utilizar a ciência como uma

² Guy Martinière apresenta no seu livro *L'Amérique latine et le Latino-Américanisme en France*, um relato de um escritor em 1922 sobre a expansão científica alemã e a tentativa de reação francesa: "Après 1870, les Allemands n'avaient pas manqués d'exploiter leurs succès militaires pour propager au-dehors leur propre culture et favoriser l'expansion du germanisme intellectuel. Les méthodes allemandes s'implantèrent partout et il faut bien reconnaître que notre pays ne fut pas des derniers à les accueillir, parfois même avec excès. Pourtant un mouvement de réaction se dessina nettement en France, dans la première décennie du XXe siècle. Le bon sens français reconnut ce qu'il y avait de factice dans ces constructions - en apparence si rigoureuses - de la science allemande et ce qu'avait d'insuffisant une méthode qui, prétendant exclure du travail intellectuel toute personnalité en l'asservissant à des procédés mécaniques, mettait toute sa gloire à dresser des inventaires et des catalogues. Du même coup, l'on comprit la nécessité d'opposer un effort sérieux aux tentatives de domination intellectuelle de l'Allemagne" (MARTINIÈRE, 1985: 62).

estratégia política, e as expedições, viagens e os intercâmbios acadêmicos começaram a serem controlados pelo governo. Tanto que no começo do século XX houve uma proliferação de instituições atreladas ao Estado francês com o objetivo de realizar intercâmbios científicos com a América Latina, dentre as quais o Service des Oeuvres ligado ao Ministério das Relações Exteriores, e o Service pour l'Expansion Universitaire, do Ministério da Instrução Pública, ambos fundados em 1910; o Office National des Universités et Écoles Françaises (Onuef), criado pouco antes da Primeira Guerra, por professores secundários e universitários, e parlamentares (PETITJEAN, 1996: 31 e 96).

O Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique latine, criado em 1907, também partilhava dos mesmos objetivos, porém tinha uma particularidade, não vinculava-se a nenhum órgão estatal; era formado por professores universitários. Compunham seu quadro Louis Liard, vice-reitor da Universidade de Paris, Paul Appel, matemático e "doyen" da Faculdade de Ciências da Universidade de Paris, o historiador Emile Bourgeois, professor da Sorbonne, o professor Larnaude da Faculdade de Direito, o físico-químico Henry Le Châtelier, professor do Collège de France, Louis Olivier, diretor da Revue générale des sciences, e o físico Lucien Poincaré, diretor do ensino secundário do Ministério da Instrução Pública (MARTINIÈRE, 1985:60). E um dos principais nomes desta instituição e responsável pelas negociações entre as instituições da América Latina com os conferencistas e professores franceses foi Georges Dumas. Formado em psicologia e medicina, logo no começo da sua carreira se tornou chefe do Laboratório de psicologia patológica na Clínica de doenças mentais da Faculdade de Medicina, em 1886.

Pelo quadro geral dos membros que integraram o Groupement, percebe-se que a grande maioria eram professores ou diretores de instituições reconhecidas no cenário francês, tais como a Universidade de Paris, a Sorbonne e o Collège de France. Apesar dessa organização não ser vinculada ao Estado francês, alguns de seus iniciadores atuaram em setores ligados ao governo. É o caso de L. Poincaré, que foi diretor de um segmento do Ministério de Instrução Pública, e Louis Liard, autor da lei da reforma universitária na França, que instituiu “universidades que não sejam a simples justaposição de faculdades; desenvolvimento da pesquisa nas universidades; estabelecimento de instituições de ciência

aplicada.” (PETITJEAN, 1996: 94). Cabe lembrar que parte dos iniciadores do Groupement veio da Société de l’Enseignement Supérieur, instituição que foi criada no fim do século XIX, e tinha como objetivo refletir sobre o sistema universitário francês e propor medidas para reformas no ensino e na pesquisa. A principal característica dos seus adeptos estava em compartilharem valores republicanos e positivistas, e serem simpáticos à expansão colonial, além de se posicionarem a favor dos interesses estatais durante a Primeira Guerra Mundial (PETITJEAN, 1989: 428).

O Groupement mesmo alegando ser uma organização desvinculada do governo francês, não conseguia ocultar a participação, direta ou indiretamente, de seus membros na estrutura estatal. Divulgavam, portanto, a necessidade de expandir a língua e a cultura francesa ao redor do mundo. O objetivo dessa instituição como descreve G. Martinière, no trecho abaixo, se coaduna perfeitamente com as tentativas francesas de construir laços científicos com a América latina: "maintenir et développer les affinités intellectuelles existant entre les latins d'Amérique et ceux de France, organiser une collaboration méthodique des universités et des grandes écoles françaises et américaines, faire connaître en France l'Amérique latine" (MARTINIÈRE, 1982 :55). Os interesses do Groupement e do Estado francês, eram muito próximos, tanto que a instituição recebeu apoio de órgãos governamentais para implementar seus objetivos na América: o Fond pour l'expansion universitaire et scientifique de la France à l'étranger, criado pelo Ministério de Assuntos Estrangeiros em 1912, e o Services des Oeuvres (MASSI, 1991:29).

As atividades de trocas científicas entre as instituições da América Latina e as universidades francesas acabaram por divulgar a língua e cultura da França, uma vez que os professores franceses convidados a realizar palestras as promoviam na sua língua, ou mediante oportunidade de intercâmbios para os estudantes latinos, era à França que os enviava. Observa-se outras ações do Groupement como a criação de um “livret de l’étudiant en France”, para orientar os estudantes da América a escolherem seus cursos nas

universidades francesas, e também a elaboração de uma revista para divulgar os acontecimentos políticos, culturais e científicos da América Latina.³

A Argentina e o Brasil foram os países que receberam a maior parte das atividades do Groupement. Em 1921, foi criado na Argentina, o Instituto francês de Buenos Aires, o que abriu a possibilidade para, em 1922, a fundação do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura no Rio de Janeiro. Na cidade de São Paulo fundou-se o Instituto Técnico Franco-Paulista, em 1925, que tinha como iniciadores José Lobo, secretário de Estado do interior, Geraldo de Paula Souza, diretor do Instituto de Higiene, Ramos de Azevedo, diretor da Escola Politécnica, e Pedro Dias da Silva, diretor da Faculdade de Medicina. Esta instituição recebia apoio do governo do estado de São Paulo, configurando-se, assim, como um órgão não exclusivo do Groupement. (PETITJEAN, 1989: 438). As relações em curso, desde a década de 1920, entre o governo paulista e os membros do Groupement possibilitaram a vinda de professores para compor o quadro acadêmico da USP em 1934.

O historiador Martinière afirma que a grande contribuição do Groupement se deu nas missões universitárias com a vinda de professores franceses para formar o núcleo de docentes da USP e do Instituto do Rio de Janeiro entre 1935 e 1938. No momento em que a França perdia seu prestígio nos países latinos, e o avanço dos ideais nazistas tornava-se um problema mundial, formar um quadro acadêmico garantiria alianças políticas para a França, não só no campo universitário, mas também na esfera política entre o governo de São Paulo e o Groupement.

Os laços políticos entre a elite paulista, Georges Dumas, Lévi-Strauss e a USP

As ideias divulgadas pelo Groupement de ampliar as relações científicas e culturais com os países da América Latina foram bem recebidas pelos intelectuais paulistas. As iniciativas francesas ganharam ressonância dentro do grupo formado por Júlio de Mesquita Filho, Armando de Salles Oliveira, Paulo Duarte e Plínio Barreto, que pensavam um projeto

³ A revista do Groupement teve vários nomes, Bulletin de la Bibliothèque Amérique, de 1910 até a Primeira Guerra, Bulletin de l'Amérique latine, e por fim Revue de L'Amérique latine, entre 1922 e 1932. (PETITJEAN, 1996:99)

político cultural para São Paulo. Dentre as aspirações do "grupo do *Estado*"⁴ estava a proposta de tornar a capital paulista um centro intelectual que pudesse pensar sobre os problemas nacionais e propor soluções. Assim, as instituições francesas poderiam fornecer o meio necessário para a constituição de um quadro eficiente de profissionais, através de intercâmbios de professores para o Brasil, ou de alunos para realizarem cursos nas faculdades da França. A aproximação de Júlio de Mesquita Filho com Georges Dumas contribuiu para reforçar as relações científicas entre França e Brasil, e na implantação da Universidade de São Paulo em 1934, possibilitando a vinda de Claude Lévi-Strauss para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

O diretor do jornal *O Estado de S. Paulo* desde os anos 1920 mostrava grande preocupação com a situação da política de São Paulo. No artigo *A Comunhão Paulista* (1922), e *A Crise Nacional* (1925), Mesquita expõe a falta de interesse dos paulistas pela política, sendo cada vez mais administrada por indivíduos de outras regiões do país. Um dos problemas da falta de interesse pela política paulista, como afirma Mesquita, vem da população de imigrantes, que não se importavam com os acontecimentos públicos (MESQUITA FILHO apud SAMPAIO, 1999:17). A solução apontada - já nesta época - é a criação de uma universidade, para formar uma elite capaz refletir sobre os problemas sociais, culturais e políticos da sociedade brasileira. No ano seguinte à publicação de *A Crise Nacional*, é encomendado à Fernando de Azevedo um inquérito sobre a educação nacional para ser publicado no jornal *O Estado*. No artigo, *Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo*, Azevedo atenta para a falta de uma política educacional no país, e sugere também a formação de uma universidade que desenvolva uma elite para orientar os conhecimentos até as classes médias e baixas (CARDOSO, 1982:30).

A socióloga Irene Cardoso sinaliza no seu livro *A Comunhão Paulista* (1982) a "campanha" do jornal *O Estado de S. Paulo* pela criação de uma universidade em São Paulo,

⁴ Segundo Cardoso, a denominação "grupo do *Estado*" era feita pelos próprios intelectuais que se reuniam em torno do jornal *O Estado de S. Paulo*. A maioria dos profissionais que faziam parte do grupo atuava no jornal, por exemplo, Júlio de Mesquita Filho era diretor, Armando de Sales Oliveira, a partir de 1927, se tornou presidente da empresa, Plínio Barreto, Paulo Duarte, Léo Vaz e Amadeu Amaral eram redatores na mesma época; e Fernando de Azevedo que permaneceu na redação do jornal de 1923 a 1926. (CARDOSO, 1982:43)

feita por meio de editoriais do periódico, bem como pelos artigos já citados de Júlio de Mesquita Filho e Fernando de Azevedo. Cabe ressaltar, os artigos escritos por Paul Fauconnet e Georges Dumas, ambos de 1927, que conjecturam sobre a formação de uma Faculdade de Filosofia e Letras e outra de Ciências na cidade de São Paulo. Os objetivos das instituições para os professores franceses eram:

"o de tornar o ensino vinculado à pesquisa; o de elevar o nível do curso secundário; e o de formar intelectuais para o estudo desinteressado, sem visão de aplicação imediata, ou, em outros termos, o de possibilitar a criação de uma ciência original e nacional, sem a qual a sociedade nunca se tornaria independente."
(CARDOSO, 1982: 61)

Com os acontecimentos do começo da década de 1930, que culminaram numa política federal de restrição das decisões burocráticas do estado de São Paulo, o projeto político cultural dos intelectuais vinculados ao jornal *O Estado* ganhou novos ânimos por parte dos seus membros. A derrota na “Revolução Constitucionalista de 1932”⁵ e, por consequência, a perda da autonomia paulista frente as decisões políticas, como a escolha do interventor do estado ou do prefeito, abalaram a estabilidade do grupo formado por Júlio de Mesquita. O período de 1932 a 1938 é marcado por instabilidade na política paulista. De fato sete prefeitos chegaram a assumir a prefeitura neste momento, sendo de Fábio Prado⁶ a maior gestão (07/09/1934 a 31/01/1938). Durante os dois primeiros anos de sua administração, Fábio Prado governou sem a Câmara dos Vereadores, que fora dissolvida em 1930 (SAMPAIO, 1999:10). A fim de reverter a situação política instalada, este grupo direcionou suas ações para o âmbito cultural e educacional, com a premissa de formar quadros políticos para atuarem de forma eficiente na administração pública, e quadros intelectuais para estudar e pensar as questões latentes de São Paulo.

Assim, em 1933 é criada a Escola Livre de Sociologia e Política com a finalidade de formar cargos especializados no exercício de funções administrativas e técnicas para serviços

⁵ Para mais referências sobre a “Revolução Constitucionalista de 1932” consultar QUEIROZ, S. R. R. de. Política e Poder Público na cidade de São Paulo, 1889 – 1934. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004

⁶ A gestão de Fábio Prado recebeu apoio do interventor do estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, que assumiu o cargo em 1933.

públicos, em 1934 é aprovado o Decreto para a consolidação da Universidade de São Paulo, idealizada por Júlio de Mesquita e Fernando de Azevedo, e no ano seguinte é criado o Departamento de Cultura do município de São Paulo, projeto elaborado por Mário de Andrade e Paulo Duarte, que na época era deputado e "braço direito" do prefeito Fábio Prado. O Departamento de Cultura foi dirigido pelo poeta modernista, Mário de Andrade, entre 1935 a 1938, e tinha como um dos seus objetivos promover espaços culturais para a população. Durante a sua gestão, projetos de ampliação e divulgação da cultura foram implantados tais quais as bibliotecas circulantes, uma equipe médica, psicológica e pedagógica que atuava nos parques infantis para orientar as práticas de lazer das crianças, além de criar organizações para estudar as manifestações folclóricas e culturais do Brasil e de São Paulo, como a Sociedade de Sociologia e a Sociedade de Etnologia e Folclore.⁷ Sendo esta última coordenada por Diná Lévi-Strauss, esposa do antropólogo francês.

C. Lévi-Strauss durante sua estadia no país frequentou tanto os espaços do jornal *O Estado de S. Paulo*, quanto àqueles proporcionados pelo Departamento de Cultura, principalmente nas reuniões semanais da Sociedade de Etnologia e Folclore, nas quais, eventualmente, apresentava as descobertas das pesquisas em campo. Nas suas memórias registradas no livro *Saudades de São Paulo* relata que se sentia “infinitamente” mais a vontade envolta do poeta Mário de Andrade e dos intelectuais que trabalhavam no Departamento de Cultura como Sérgio Millet, Rubens Borbas de Moraes e Paulo Duarte (LÉVI-STRAUSS, 1996:10-11). Registo outra de suas lembranças sobre o Brasil, em que apresenta a proximidade com os poetas modernistas, Mário de Andrade e Oswald de Andrade:

"Eles vinham sempre à minha casa, saíamos juntos. Não cheguei a me envolver com o movimento antropofágico, mas o acompanhava muito de perto. Minha comunicação com os modernistas brasileiros era muito fácil e se fazia realmente em

⁷ Para mais informações sobre as políticas culturais do Departamento de Cultura, sugiro a leitura de três trabalhos: ABDANUR, Elizabeth Franca. *Os "ilustrados" e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1992; BARBATO Jr., Roberto. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004, e RAFFAINI, Patricia Tavares. *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo (1935 -1938)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP,2001

pé de igualdade, porque eu estava ao corrente dos movimentos de vanguarda intelectual e literária na França." (LÉVI-STRAUSS apud SABÓIA, 1982:2)

No trecho acima, percebe-se que Lévi-Strauss além de frequentar os espaços de discussão e convívio da intelectualidade paulista, acompanhava os debates em curso sobre o modernismo. A aproximação do antropólogo com a elite cultural paulista pode ser traçada por dois fatores: a amizade de Diná Lévi-Strauss com os profissionais do Departamento de Cultura e da Sociedade de Etnologia e Folclore, onde chegou a ministrar, durante um ano, um curso sobre "A ciência da etnografia", "incluindo arqueologia, linguística e antropologia física" (WILCKEN, 2011:61)⁸; e o afastamento de Lévi-Strauss de alguns professores franceses que formavam o quadro de humanidades da USP.

Na segunda missão francesa, a qual insere-se Claude Lévi-Strauss, foram contratados os professores Pierre Monbeig, Fernand Braudel e Jean Maügé para lecionar na USP. O antropólogo assumiria a cadeira de Sociologia junto com Paul Arbousse-Bastide, nomeado chefe da comissão francesa. No entanto, logo no primeiro ano de sua estadia no país, inicia-se os desentendimentos entre os dois professores, em decorrência dos problemas teóricos envolvendo o ensino de sociologia pautado nas ideias de Comte e Durkheim. Arbousse-Bastide, adepto das ideias positivistas, se indignou ao saber que o professor recém contratado não ensinava Durkheim, e começou a pressionar a diretoria da FFCL a obrigar Lévi-Strauss a incluir o pensador francês no seu curso. Trago para entrever este conflito, a entrevista de D. Eribon com Lévi-Strauss, na qual o antropólogo expõe os problemas que enfrentou por conta do seu posicionamento contrário a Arbousse-Bastide:

"Fui para o Brasil porque queria ser etnólogo. E eu tinha sido conquistado pela etnologia em rebelião contra Durkheim, que não era um homem de campo, ao passo que eu descobria a etnologia de campo através dos ingleses e americanos. Eu estava, portanto, numa posição falsa. Chamaram-me para perpetuar a influência

⁸ No depoimento de Mário Wagner Vieira da Cunha, aluno do curso de Diná Lévi-Strauss e colega dos intelectuais do Departamento de Cultura, relata como era a sua relação com o casal Lévi-Strauss e a proximidade entre Mário de Andrade com etnóloga francesa: "Ele [Andrade] tinha um xodó por ela, como todos nós, porque era uma menina bonita, tinha quase nossa idade. O Lévi-Strauss tinha ciúmes dessa situação, com razão. (...) Eu ia à casa deles na Cincinato Braga, porque fazíamos muitas reuniões sobre a Sociedade de Etnografia e Folclore. Com Dina, a gente começava a conversar e nunca parava. O Lévi-Strauss ficava por conta. Ele não entrava na sala em que nós dois estávamos. Mas andava nas salas em volta, batendo os pés como quem diz que está ali e quer que a conversa acabe logo." (CUNHA apud CARVALHO, 1993:1)

francesa, por um lado, e a tradição Comte-Durkheim, por outro. E eu chegava conquistado, naquele momento, por uma etnologia de inspiração anglo-saxônica. Isto me criou sérias dificuldades." (LÉVI-STRAUSS e ERIBON, 1990:31)

A partir do depoimento entende-se que o antropólogo tinha completa noção de seu intuito de difundir a "influência francesa" no país, e sabia das dificuldades de defender posições acadêmicas pautadas em autores anglo-saxões, em um momento em que a "missão francesa" tentava divulgar a sua cultura, língua e ciência no Brasil. Para se esquivar do ambiente conflituoso da comissão francesa, Lévi-Strauss se dedicou às viagens pelo centro-oeste brasileiro na procura de sociedades indígenas. Algumas de suas expedições foram financiadas pelo Departamento de Cultura, pois suas pesquisas despertavam curiosidades em Mário de Andrade, que buscava conhecer as manifestações culturais das populações nativas.

As viagens de Lévi-Strauss, assim como o conflito com Arbousse-Bastide, geram um desconforto da sociedade paulista com a "missão francesa". O problema não estava especificamente na figura do antropólogo, mas na equipe francesa que não cumpria o contrato de lecionar por no mínimo três anos na universidade, e não tinham o comprometimento com a docência no Brasil; pareciam conferencistas e não professores. Em seu relatório sobre a FFCL, Arbousse-Bastide expõe suas impressões sobre a comitiva francesa: "teme-se que os franceses venham como turistas, amadores [...] cujas esperanças e desejos sempre estejam voltados para Paris, e que fazem no Brasil seu tempo de colônia." (ARBOUSSE-BASTIDE apud PETITJEAN, 1996:322) A preocupação do chefe da missão francesa vinha em decorrência de alguns professores fazerem do Brasil um amparo para suas pesquisas na França, e com isso deixavam de lado o ensino. Tal fato explica a desaprovação de Arbousse-Bastide em relação às expedições de Lévi-Strauss, pois o etnólogo deveria se dedicar integralmente ao curso de Sociologia, e não à pesquisas pessoais.

As apreensões de P. Arbousse-Bastide com a receptividade da missão francesa em São Paulo coincide com perda da força política do Groupement na França. A instituição, na década de 1930, se tornou um anexo do Services des Oeuvres e o seu objetivo principal, o desenvolvimento científico, cedeu lugar a atividades de divulgação da cultura francesa. As demandas da América Latina por apoio e ampliação dos saberes científicos foram

abandonadas pelo Groupement. Seus conferencistas estavam mais focados em difundir a língua e a cultura francesa, em um trabalho mais diplomático do que científico. O historiador Petitjean aponta que o próprio G. Dumas que nas suas conferências tinha o compromisso de promover a ciência, a partir dos anos 1930 mudou seu discurso e começou a atacar diretamente o regime nazista. O interlocutor do Groupement chegou ao limite de na véspera da Segunda Guerra Mundial elaborar uma apresentação pedindo à universidade do Rio de Janeiro que fechasse as portas aos professores estrangeiros - excerto os franceses, "pois, durante a guerra, todos os cargos de influência poderão ser úteis, e, em caso de paz, cunharão para sempre o Brasil com nossa marca." (DUMAS apud PETITJEAN, 1996:115)

Contribuiu ainda para o afastamento do Groupement da sua proposta de realizar intercâmbios científicos com a América Latina a defasagem das instituições de ensino e de pesquisa na França. Mesmo com a reforma universitária promovida pela lei de Louis Liard no final do século XIX, o ensino francês tinha muitas debilidades. Assim, as demandas dos países latinos para novas pesquisas e métodos de investigação não foram supridas totalmente pelas instituições francesas.

A sorte do Brasil

Pensar na chegada de Lévi-Strauss ao Brasil, como tentei mostrar ao longo do artigo, é problematizar as interpretações que a situam entre um *acaso* e uma *excepcionalidade*. O acaso corresponderia aos que apontam ter Lévi-Strauss vindo ao Brasil mesmo quando poderia ter escolhido qualquer outra nação que lhe proporcionasse estudos etnográficos. E a excepcionalidade se centra em falas que posicionam a vinda de Lévi-Strauss ao Brasil como uma exceção no contexto dos antropólogos franceses. Assim, o telefonema de Célestin Bouglé na manhã de domingo teria traçado um caminho para o jovem professor de filosofia.

No entanto a viagem de Lévi-Strauss, longe de ser um acaso ou exceção, foi um acontecimento promovido por ações políticas tanto nos domínios estatais, entre França e Brasil, como no campo pessoal a partir das relações do antropólogo com Georges Dumas, Bouglé, entre outros professores. As iniciativas francesas de desenvolvimento científico na América Latina se entrelaçaram com as propostas do "grupo do *Estado*" de construir em São

Paulo bases culturais e educacionais que possibilitassem estudar a situação nacional. Assim, a Universidade de São Paulo formou-se a partir de parcerias entre os intelectuais do Groupement com a elite cultural paulista. Estas tramas políticas que tecem a vinda de Lévi-Strauss ao Brasil são importantes de serem reconstruídas para situar os personagens e os acontecimentos que aparecem nas suas memórias posteriores e, principalmente, para problematizar a palavra "triste" empregada nos seus relatos sobre os trópicos.

Referência bibliográfica

- ALVES, Isidoro M. da S. A expedição de Lévi-Strauss ao Brasil central 50 anos após. In: *Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de Historia da Ciência e da Tecnologia, 30 de junho a 4 de julho*. São Paulo: Nova Stella, 1989
- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982
- CARVALHO, Bernardo. Mulher une Lévi-Strauss a Mário de Andrade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 setembro de 1993. Ilustrada, p. 1
- CHONCHOL, Jacques e MARTIÈRE, Guy. *L'AAmérique latine et le Latino-Américanisme en France*. Paris: L'Harmattan, 1985
- HAMBURGUER, Amélia Império, DANTES, M. Amélia, PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996
- LÉVI-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier. *De perto e de longe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*. Organização Ricardo Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Tristes Trópicos*. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- MARTINIÈRE, Guy. *Aspects de la coopération franco-brésilienne - Transplantation culturelle et stratégie de la modernité*. Grenoble: Presses universitaires de Grenoble. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1982
- MARTINS, Carlos Benedito (Org.). *Diálogos entre Brasil e a França: formação e cooperação acadêmica*. Recife: Ed. Massangana, 2005.

- MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo*. (dissertação de mestrado). Campinas: Departamento de Antropologia, Unicamp, 1991
- _____. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. I. Vértice: São Paulo, 1995
- MAZON, Brigitte. La Fondation Rockefeller et les sciences sociales en France, 1925-1940. *Revue française de sociologie*. XXVI, 1985, p. 311-342
- MESQUITA Filho, Júlio de. A comunhão Paulista. In: *O Estado de S. Paulo*, 19 e 22 de Nov. de 1922.
- PASSETTI, Dorothea Voegeli. *Lévi-Strauss, antropologia e arte: minúsculo - incomensurável*. São Paulo: Edusp: Educ, 2008
- PEIXOTO, Fernanda Áreas. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998
- PETITJEAN, Patrick. Le groupement des universités et grandes écoles de France pour les relations avec L'Amérique latine, et la création d'instituts à Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907/1940). In: *Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia, 30 de junho a 4 de julho*. São Paulo: Nova Stella, 1989
- PONTES, Heloisa. Brasil com Z – A produção estrangeira sobre o país, editada aqui, sob a forma de livro, entre 1930 e 1988 In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. I. Vértice: São Paulo, 1989, p. 441- 478.
- PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo, V.3: a cidade na primeira metade do Século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- RUBINO, Silvana. Clubes de pesquisadores. A sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sérgio. (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995. Vol. 2
- SABÓIA, Napoleão. Tentei introduzir nas Ciências Humanas alguns pontos de vista novos. *Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 de junho de 1982. Cultura, p. 2-3.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). *São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado*. São Paulo: USP/ FAU, 1999
- SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da Comunidade Científica no Brasil*. São Paulo: E. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979
- WILCKEN, Patrick. *Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório*. tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011